

O Batalhão Perdido: a Grande Guerra e a Mudança na Face da Batalha Contemporânea.

Érico Esteves Duarte¹

“We have to live with acceptable losses”. (*Lost Battalion* 05:35).

O filme *The Lost Battalion* de 2001 é uma versão para televisão da A&S e History Channel que narra uma batalhão norte-americano ‘perdido’ durante a ofensiva aliada em Argonne em outubro de 1918. Esse batalhão ficou notório por, mesmo sendo abandonado pelas forças aliadas, ter sido capaz de resistir a ataques de forças alemãs muito superiores por seis dias sem rendição ou concessão de sua posição. A formação desse ponto de resistência (denominado de *The Pocket*) seria importante para fixar as forças alemãs até que a ofensiva aliada fosse retomada.

O preço dessa indesejada e não planejada contribuição seria que de 500 que o compunham batalhão ao início da operação, apenas 154 soldados seriam recuperados. O Batalhão Perdido seria uma das unidades mais condecoradas das forças armadas norte-americanas: seriam sete *Medals of Honor* - a mais elevada dos Estados Unidos - e outras 27 medalhas de distinção.

Para além do desempenho lendário do Batalhão Perdido, o filme retrata de maneira bastante crua a face dos campos de batalhas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e as várias deficiências de diversas ordens existentes na sua condução. O filme é útil na ilustração de vários aspectos que conformariam o grande trauma dessa guerra para o mundo contemporâneo.

* Professor de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi pesquisador-visitante do Centro Corbett de Estudos sobre Política Marítima do Joint Services Command and Staff College do Reino Unido (2016), realizou pós-doutorado no Instituto para Estudos de Paz e Políticas de Segurança da Universidade de Hamburgo (2015) e ocupou a Cátedra Rui Barbosa de Estudos Brasileiros da Universidade de Leiden (2013). Doutor e Mestre em Ciências da Engenharia da Produção pela Universidade do Brasil, Coppe/UFRJ. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

A Grande Guerra é o evento de referência para a criação da disciplina das Relações Internacionais (na Universidade do País de Gales em 1919) e de surgimento das principais questões que desafiam os Estudos Estratégicos até os dias atuais (PROENÇA JÚNIOR; DUARTE, 2007). Por isso, essa é a guerra que não pode ser negligenciada por nenhum estudante desses dois campos do conhecimento.

A centralidade da Grande Guerra não reside em ser uma guerra global. A Guerra dos Sete Anos (1756-1763) foi, de fato, a primeira a envolver a maioria dos continentes do globo e potências com capacidades de poder de alcance global e, por isso, a desenvolver e executar grandes estratégias (ROBSON, 2016). A Grande Guerra é a principal referência quanto à devastação possível causada pela industrialização da condução da guerra, demarcando as relações políticas e estratégicas desde então.

O grande trauma da Grande Guerra foi a incapacidade das sociedades, Estados e forças armadas envolvidos em compreender e assimilar esses novos padrões de condução da guerra. O nacionalismo que levava ao envolvimento apaixonado das massas, as escalas de produção que permitiam arma-las, o avanço dos meios de transporte que podiam movê-las e, principalmente, a nova ordem de letalidade dos armamentos que permitia aniquilá-las.

A primeira consequência dessa guerra foi devastação das sociedades europeias, implicando no início de sua decadência. Seja em termos políticos como principais atores políticos internacionais (VISENTINI, 2014). Seja em termos culturais em razão da ‘geração perdida’ de intelectuais e artistas que foram voluntários e morreram nessa guerra (HEMINGWAY, 1926).

No primeiro momento posterior a Grande Guerra, as sociedades ocidentais liberais se sentiram inclinadas a culpar e penalizar as sociedades não-liberais pelas consequências dessa guerra². Com uma perspectiva mais distante e menos apaixonada do problema, a literatura recente identifica que essa conclusão histórica é superficial e existem duas grandes lições a nunca mais serem esquecidas.

Primeiro, as forças armadas falharam ao não reconhecer que não podiam mais se organizar e travar batalhas segundo suas tradições milenares. Segundo, as democracias falharam ao não terem aparatos institucionais para avaliar, controlar e corrigir a condução da guerra. No filme, *Lost Battalion*, os aspectos dessa primeira lição são explícitos, enquanto

² E esse seria um dos argumentos principais da primeira escola das Relações Internacionais: o Idealismo.

aquelas relacionados à segunda são mais implícitos. Assim, o presente capítulo utilizará de passagens desse filme como entrada para aprofundamento desses dois aspectos da guerra contemporânea.

A letalidade da guerra contemporânea e o limite humano

“I am a professional soldier. I do not have to think”. (*Lost Battalion* 11:08).

A Grande Guerra foi aquela em que vai ser aplicado de maneira maciça o armamento de grande letalidade e precisão, com dois profundos impactos. Por um lado, o poder de fogo dos novos armamentos - o denominado de ‘desafio da metralhadora’ – seria confrontado com velhos padrões organizacionais e doutrinários de concentração de grande número de combatentes em grandes e centralizadas unidades, resultando em baixas, pela primeira vez na civilização humana, na casa dos milhões. Segundo, a precisão desses armamentos traria de maneira generalizada para o campo de batalhas o medo e as consequências psicológicas de se matar.

Dave Grossman (1996) explica em *On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War and Society* que apenas dois por cento da população humana é capaz de matar outro indivíduo da própria espécie sem ter sequelas psicológicas. E, mesmo esse grupo, se mantidos em combates constantes por mais de três meses, possuem 98% de chance de desenvolverem algum tipo de stress psicológico.

Esse bloqueio é um condicionamento genético desenvolvido pela história peculiar da espécie humana, sempre as vias da extinção. Na história da guerra nas civilizações humanas, esse limite nunca foi um elemento crítico porque as taxas de letalidade dos armamentos nas guerras da Antiguidade até meados do século 19 eram muito baixas (GAT, 2002). Isso teria duas implicações importantes na formação de organização das forças combatentes ‘tradicionais’.

Por um lado, isso demandou que as unidades combatentes durante milênios fossem concentradas a fim de compensar essas baixas taxas de letalidade com grandes números de

combatentes concentrados em unidades maciças. Por outro lado, esses dois fatores – a baixa letalidade e a concentração de combatentes lutando a lado-a-lado – permitia que uma maior fração das populações participassem das guerras – sem ou com menor traumas porque apenas um número muito reduzido de combatentes matava individualmente um ou mais oponentes. Durante as batalhas, no caos da parede de escudos de combatentes cerrados ou na chuva de flechas, atiradeiras ou balas daqueles que combatiam à distância, raramente se reconhecia quem era o autor de uma determinada morte, permitindo a difusão ou anonimato de sua responsabilidade. E, mesmo assim, ao fim das batalhas, havia sempre mais feridos que mortos. Isso implicava também que os efeitos psicológicos das guerras fossem mais reduzidos e mais relacionados ao ambiente de incerteza, medo de morrer e desgaste; do que do medo e trauma intrínsecos de matar outro ser humano.

A consequência imediata que se tem durante a Grande Guerra foi o baixo desempenho de seus combatentes e a paralisia das batalhas. Para além da falta de conhecimento tático e doutrinário para superar as fortificações de campo apoiadas por artilharia, a maioria dos combatentes era incapaz de seguir lutando plenamente por paralisia psicológica. Uma consequência social posterior foi o grande número, muito maior que qualquer guerra passada, de inválidos ou veteranos incapazes de serem reintegrados. Uma parte significativa desses veteranos seria recrutada por gangues e pelo crime organizado e seria parte da explicação dos altos de índices de violência e insegurança nos Estados Unidos na década de 1920, por exemplo³. Esse fenômeno seria replicado em uma escala maior no pós-Segunda Guerra Mundial, sendo um dos seus desdobramentos, a criação da gangue dos *Hell's Angels* entre outras a partir de veteranos.

No longo prazo, que envolve todo o século 20, a implicação desse novo panorama tático dos campos de batalhas foi a dura e difícil reinvenção das organizações militares terrestres. Era necessário sobrepor valores e instituições tradicionais milenares dos Exércitos e a omissão e a ambiguidade dos governos e sociedades em enfrentar as consequências sociológicas dessas novas forças terrestres.

1. Era necessário novo um tipo de soldado, suboficial e oficiais juniores. Eles precisavam ter condições físicas e psicológicas distintas do indivíduo normal, e formação intelectual completamente diferente do padrão

³ Um tratamento cinematográfico disso é presente nas séries *Boardwalk Empire* da HBO e *Peaky Blinders* da BBC.

tradicional que existia até então. As condições psicológicas de matar outro ser humano foram tratadas acima. Adicionalmente, a duração das batalhas, campanhas e guerras passou a demandar indivíduos com resiliências físicas e mentais particulares, possíveis a partir de aptidões natas, treinamento e grande coesão social das pequenas unidades combatentes.

2. Era necessário que o *squad* - ou a menor unidade tática - e suas componentes superiores constituídas a partir dela recuperassem e maximizassem laços primordiais de companheirismo típicas dos grupos sociais primitivos e níveis agressividade atípicos em indivíduos de sociedades sedentárias e industrializadas. No caso do filme, essa seria a explicação da resiliência do Batalhão Perdido, como explicado por um dos seus sargentos a um oficial alemão: acidentalmente, ele era formado por um bando de imigrantes, ladrões e mafiosos que viviam à margem da sociedade industrializada norte-americana.

3. Foi necessário um longo período de experimentação e reforma das armas e organizações militares a fim de definir as proporções e requisitos e emprego de armas combinadas e novas doutrinas militares (BAILEY, 2003; SIMPKIN, 1980).

4. A obtenção desses corpos táticos demandava necessariamente exércitos permanentes, pois a identificação, recrutamento e formação dos recursos humanos necessários tornaram-se difíceis de se produzir (ENGLISH; GUDMUNDSSON, 1994). Tornava-se um desperdício de recursos, e mesmo um risco social, a reiteração à sociedade desse novo tipo de combatente tão caro e escasso. E este é um problema político das sociedades contemporâneas⁴.

5. O desenvolvimento ou não ‘Sistema Moderno’ combate torna-se um elemento qualitativo distintivo entre as potências contemporâneas e para análise das vitórias militares (BIDDLE, 2006).

⁴ Uma alternativa recente tem sido a criação e uso de empresas militares privadas, cujas consequências socioeconômicas têm sido minimizadas, mas não as políticas.

Assim, a superação dos traumas operacionais da Grande Guerra compõe uma parte substantiva do conteúdo dos Estudos Estratégicos e da evolução das organizações militares desde então e, que mesmo nos dias atuais, não foi plenamente realizado.

A culpa dos civis e da política - o descontrole das democracias na conduta da guerra

“And whom is the fault? Your civilians’ politics”. (*Lost Battalion*, 05:56).

O episódio do Batalhão Perdido é emblemático porque ele ocorreu ao fim da Grande Guerra. E, mesmo após milhões de baixas, ambos os lados da guerra não foram capazes de confrontar suas respectivas deficiências e incompetências operacionais. Isso se deveu, em boa medida, às lideranças políticas que foram omissas ou irresponsáveis em controlar e qualificar a conduta da guerra pelos generais. Mais que isso, eram submissas ou mesmo aderentes do furor nacionalista da guerra total que tomava as massas e intelectuais⁵.

Se a história contemporânea testemunhou a difusão da democracia em termos de sufrágio universal, Estado de Direito e liberdades individuais; ela ainda precisa aguardar para que o relacionamento entre estamentos militares, sociedades civis e lideranças políticas encontrem uma sinergia contínua e satisfatória.

Gordon Craig (1986) ofereceu uma instigante revisão da literatura que desdobra a história da Grande Guerra da perspectiva do fracasso das lideranças políticas europeias na conduta da guerra. Ele apresentou e comparou como as faltas de competência e vontade dos líderes alemães, franceses e ingleses no exercício de controle e responsabilidade do planejamento militar e processo decisório das organizações militares. Como consequência, eles assistiram a quase ou total destruição nacional de suas respectivas sociedades, em relações às quais eles detinham a responsabilidade de proteger (VISENTINI, 2014)

No caso da Alemanha, o chanceler Theobald von Bethmann Hollweg tinha que lidar como uma sociedade civil ativa “e desejosa da mais ambiciosa forma de expansão territorial e

⁵ Essa dimensão seria um dos fenômenos a serem investigados pelas nascentes disciplinas da Ciência Política e da Sociologia.

era certa que a guerra a faria possível” e com um Exército com veneração pública sem paralelo. Ele não tinha participação do planejamento das operações da guerra e não questionava abertamente suas suposições., ainda que elas fossem irrealísticas e perigosas, como: o envelopamento maciço da França em seis semanas; seguido de uma conversão do esforço para o leste contra a Rússia; a guerra submarina desenfreada; e os desdém a qualquer negociação pela paz. Mesmo com essa resignação comedida, ele caiu, principalmente, por ação direta de outros líderes civis, como Matthias Erzberger e Gustav Stresemann, que seriam celebrados como progressistas na República de Weimar. Sua queda também teve apoio majoritário do Parlamento (*Reichtag*), inclusive com a conivência de grupos socialistas e da opinião pública como um todo. Abraçava-se a promessa de vitória total de maneira cega, ainda que isso fosse consumir todos os recursos dos países. Esse desequilíbrio institucional perduraria e teria implicações para além da derrota e da revolução. Ela se reproduziria novamente, como uma chaga nacional, no debacle provocado pelo nazismo, o que não seria completamente curada até os dias atuais (SCHMID, 2013).

No caso do Reino Unido, a suposição que uma liderança política, beneficiada por uma burocracia sofisticada e uma mão historicamente forte sobre os militares, manteria um controle qualificado das operações era falsa. O primeiro-ministro H.H. Asquith foi um parlamentar e líder de partido, mas sem conhecimento sobre a conduta da guerra, portanto ele apenas deferiu às decisões militares, o que seguiu de maneira automática e sem responsabilidade. Mesmo após a derrota da invasão anfíbia na Turquia para controle do Estreito de Dardanelos, ele e o ministério britânico não foram capazes de evitar o ímpeto da liderança militar de Douglas Haig e William Robertson. Esses tinham conceitos estratégicos que quase foram fatais em seus resultados como aqueles de sua contraparte alemã. O papel de Asquith foi reduzido ao provimento de recursos materiais e humanos em ordem de milhões, arruinando Império. Seu sucessor, David Lloyd George, realmente tentou trazer razão para o esforço de direção da guerra, mas de maneira similar ao seu colega alemão, ele temia a desaprovação pública e que fosse desaprovado pelos seus pares parlamentares. Por isso, pouco ele fez, de fato, para algum tipo de revisão (CRAIG, 1986).

Surpreendentemente, foi na França que uma direção racional da guerra teve origem, sendo fundamental para uma convergência final entre a Tríplice Entente que trouxesse a guerra ao seu final. De um ponto de vista histórico, não era de se esperar isso de um país e que os militares tinham séculos de prestígio e de prover a sagrada união na defesa da República. Pela maior parte da guerra, a liderança política francesa foi equivalente ao restante

de seus pares. No entanto, no último ano da guerra, Georges Clemenceau surgiu com qualificação distinta e reafirmando sua autoridade e responsabilidade. Como resultado, ele promoveu uma colaboração político-militar sem paralelo até então dos dois lados da guerra (CRAIG, 1986).

Como o principal teatro de operações da guerra, a opinião pública da França tornara-se esgotada com ela antes de britânicos e alemães e passou a se voltar contra a liderança militar. Isso deu a oportunidade para que Clemenceau pudesse sobrepor o insulamento do Conselho de Superior de Guerra e avançar reformas importantes no esforço de guerra. Entre elas, a indicação de Foch como Comandante Supremo e início da coordenação operacional com os aliados a partir de julho de 1918.

Diferente de seus pares, Clemenceau tinha qualificação em estratégia e tática e compôs quadros de assessores adequados que lhe conferiram autoconfiança e confiança entre os militares para defender seus pontos de vista e contribuir substantivamente no processo-decisório do planejamento militar. O seu sucesso foi um caso idiossincrático e denotaria o padrão por todo o século 20 que a relação equilibrada entre lideranças militares e civis era decorrência da perda de prestígio e efetividade dos primeiros combinada com o caráter e personalidade de um líder político em situações pontuais. E não como produto natural da estrutura de um Estado. Isso significa dizer que as democracias contemporâneas têm dado soluções muito frágeis para questão de instituições estáveis e efetivas para o provimento do máximo de segurança com o máximo de liberdade (EARLE, 1940).

Essa é uma deficiência principalmente civil. Pois, embora a conduta da guerra tenha se tornado uma tarefa profissional e restrita, as suas consequências e custos continuam a ser isonômicos para uma sociedade tomada pela guerra. Portanto, as condições da guerra contemporânea não sustentam a omissão civil, mas pelo contrário, reforçam a atenção para as questões de defesa da Pátria como atividade cívica basilar.

Como apontaria Earle, ao testemunhar o mesmo descompasso nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, a realidade da guerra contemporânea exige o envolvimento da sociedade através da contribuição dos civis. A compreensão real dos assuntos de Estado é mais uma responsabilidade civil do que militar. É necessário que cada cidadão e cada recruta saibam porquê que se está lutando. A manutenção da democracia tem seu valor, pelo qual vale a pena lutar, e o depositório de sua segurança é um só: toda a nação.

Assim, desde que a guerra é do interesse de toda uma população, toda a população deve entender que a guerra é de seu interesse (EARLE, 1943).

O Batalhão Perdido. Direção: Russell Mulcahy. *The Lost Battalion*. 92 min. 2001. Estados Unidos, Luxemburgo. DVD.

Bibliografia citada.

BAILEY, J. B. A. *Field Artillery and Firepower*. Rev Exp ed. [S.l.]: US Naval Institute Press, 2003.

BIDDLE, Stephen D. *Military power: explaining victory and defeat in modern battle*. Princeton, N.J.; Oxford: Princeton University Press, 2006.

EARLE, Edward. Introduction. *Makers of Modern Strategy*. Princeton: Princeton University Press, 1943.

EARLE, Edward. National Defense and Political Science. *Political Science Quarterly*, v. 55, n. 4, p. 481, dez. 1940.

ENGLISH, John A.; GUDMUNDSSON, Bruce I. *On Infantry*. Revised ed. Westport: Praeger, 1994.

GAT, Azar. *A History of Military Thought: From the Enlightenment to the Cold War*. 1. ed. New York: Oxford University Press, USA, 2002.

HEMINGWAY, Ernest. *The Sun Also Rises*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1926.

PROENÇA JÚNIOR, Domício; DUARTE, Érico. Os Estudos Estratégicos como Base Reflexiva da Defesa Nacional. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 50, n. 1, p. 29–46, 2007.

ROBSON, Martin. *A History of the Royal Navy: The Seven Years War*. London: I. B. Tauris, 2016.

SCHMID, Johann. „Forschungslücke Krieg“ – Risiko für den Frieden? Über die friedens- und sicherheitspolitische Notwendigkeit einer wissenschaftlichen Befassung mit Krieg. *Zeitschrift für Außen- und Sicherheitspolitik*, v. 6, n. 2, p. 227–248, 2013.

SIMPKIN, R. *Mechanized Infantry*. [S.l.]: Pergamon Pr, 1980.

VISENTINI, Paulo. *A Primeira Guerra Mundial e o Declínio da Europa*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.